

# Pesquisa historiográfica em instituições educativo-musicais

fundamentos e reflexões\*

Rita de Cássia Fucci Amato\*\*

## Resumo:

O presente trabalho objetiva contribuir para o estudo historiográfico de instituições de ensino musical, apresentando alguns conceitos que podem vir a ser utilizados nesse tipo de investigação, tais como aqueles introduzidos pela *Nova História* e pela *História Oral*. Visa também apresentar alguns procedimentos metodológicos relativos às fontes (documentos iconográficos e entrevistas) e às abordagens possíveis dentro do conceito apresentado. Discute ainda a análise da rede de configurações socioculturais do corpo docente e discente e do modelo de ensino praticado pela instituição. Essas reflexões e fundamentações revelam um processo de múltiplas abordagens – socioeconômicas, historiográficas, culturais e educacionais – que se interagem no meio histórico-investigativo.

## Palavras-chave:

*pesquisa em educação; escrita historiográfica; memória; história oral; história de instituições educativo-musicais.*

---

\* O presente artigo deriva da tese de doutorado *Memória musical de São Carlos: retratos de um conservatório*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCAR), área de concentração: Fundamentos da Educação, em março de 2004, contando com o apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Todavia, não se trata de uma síntese da tese, mas de reflexões derivadas dela.

\*\* Doutora e mestra em educação (UFSCAR), especialista em fonoaudiologia (Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP) e bacharel em música com habilitação em regência (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP). Professora da Faculdade de Música Carlos Gomes e do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

# Historiographic research in musical educational institutions

basis and reflections

Rita de Cássia Fucci Amato

**Abstract:**

The aim of this paper is to study the history of institutions of musical teaching. It was investigated some concepts introduced by the *New History* and the *Oral History*. In addition to this, it is presented the methodological proceedings related to the sources (iconographic documents and interviews) and the possible approaches regarding to the presented concept. It also discusses the analyses of the social and cultural network configurations of the teaching staff and the student body and of the teaching model applied in the institution. These reflections and basis reveal a process of multiple approaches – socioeconomics, culturals and educationals – that joint each other in the process of the historiography research.

**Keywords:**

*research in education; historiography writing; memory; oral history; history of musical educational institutions.*

## Introdução

O presente trabalho visa elaborar reflexões acerca da escrita da história de instituições de ensino musical, no intuito de alargar os fundamentos teóricos e metodológicos que são utilizados na reconstrução do arcabouço histórico de tais entidades. A relevância desses estudos permite contribuir para ampliar o conhecimento dos processos educacionais, para estabelecer relações na sua rede de configurações socioculturais e para conferir visibilidade pública de documentos e concepções educacionais, por vezes esquecidos e não revelados.

O entendimento da palavra “história”, na sua origem do grego antigo *historie*, como “procurar saber”, “informar-se”, estabelece uma ampla diretriz para a realização dessa empreitada. Schaff (1995) lembra que a reconstrução histórica deve constituir-se em um processo multidisciplinar, em que conhecimentos diversos se inter-relacionam formando não um conjunto de conhecimentos nem modificações quantitativas do saber, porém conceitos qualitativos na visão da história. Também nessa direção, Le Goff (1996) discursa que a história não é puramente uma ciência, mas sim uma vivência constante na sociedade, por meio de memórias e lembranças: muito do que um dia foi concretizado é história e grande parte dessa história é guardada na memória de indivíduos e da sociedade.

Esse processo de reconstrução da memória é delicado e demanda tempo e espaço em nossa mente, como bem revelam as elaborações de Santo Agostinho, no livro X de suas *Confissões*:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. Enfim, jaz aí tudo o que se lhes entregou e depôs, se é que o esquecimento ainda o não absorveu e sepultou. [...] Quando lá entro mando comparecer diante de mim todas as imagens que quero. Umas apresentam-se imediatamente, outras fazem-me esperar por mais tempo, até serem extraídas, por assim dizer, de certos receptáculos ainda mais recônditos. [...] Tudo isto realizo no imenso

palácio da memória. [...] É lá que me encontro a mim mesmo, e recordo as ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recordo, aprendidos ou pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem [Agostinho, 1973, p. 2.000].

Desse modo, o presente artigo busca constituir-se em uma contribuição multidisciplinar à escrita historiográfica e à conceituação de seus fundamentos teóricos e metodológicos, estabelecendo alguns processos e concepções que assistam o pesquisador na sua investigação.

## Um novo conceito de história

O âmbito da pesquisa histórica foi intensamente renovado na sua concepção teórico-metodológica nas últimas décadas, superando uma historiografia com a descrição de fatos acentuadamente políticos, moldados em uma tradição positivista, a qual incrementava análises com predominância narrativa de aspectos econômicos da vida social, em detrimento de outras competências da leitura do aspecto sociohistórico. Essa renovação concebeu o fazer histórico a partir de análises econômicas, sociais e culturais, agregando novos elementos à leitura tradicional e compreendendo o ser social e sua vivência a partir de sua complexidade e singularidade.

Essa concepção de história tradicional foi rompida com a *Escola dos Annales*, a qual contribuiu para a reelaboração do *fazer histórico*, incorporando procedimentos relativos às fontes de pesquisa e mudanças nos conceitos de história, mais especificamente, da *Nova História*.

As elaborações feitas por Le Goff (1998, p. 21) caminham no sentido de que a *Nova História*, “embora postule a necessidade de uma reflexão teórica, ela não depende de uma ortodoxia ideológica. Ao contrário, ela afirma a fecundidade das múltiplas contribuições, a pluralidade dos sistemas de explicação para além da unidade problemática”. E mais ainda: “Ela pretende ser uma história escrita por homens livres ou em busca de liberdade, a serviço dos homens em sociedade” (idem,

ibidem). Essa visão da multiplicidade de contribuições ampliou e descerrou variantes para outras reflexões aqui descortinadas.

O entendimento de que o discurso historiográfico deixou de ser visto como uma justaposição de fatos, uma descrição dos eventos, e passou a ter um fio condutor com novas propostas metodológicas em campos de investigação múltiplos, ampliando os objetos e estratégias de pesquisa e realizando a reivindicação do individual, do subjetivo, do simbólico como dimensões pertinentes à análise histórica, tornou-se um fato essencial ao historiador. A *Nova História* critica a noção de fato e tempo históricos e propõe uma historiografia problematizadora, e não automática, em que o presente seja compreendido pelo passado e a compreensão deste surja das necessidades do presente.

A dimensão proposta pela *Nova História* é imensa e tenta dar respostas às nossas mais inquietantes questões, incluindo nesse repertório a constituição escrita de memórias de sujeitos que participaram de instituições que não existem mais, mas que fecundaram alterações de padrões culturais e sociais. Esse fato releva-se, pois, como bem coloca Le Goff (1998, p. 51), em um mundo no qual a sociedade se torna cada vez mais acelerada, a memoração do passado e das verdadeiras raízes culturais de cada indivíduo constitui-se em uma louvável busca. O autor lembra que a tentativa para reconstituir o passado cada vez mais analogamente à sua realidade revela a intensa procura por respostas diante de fatos contemporâneos. Por isso, a história tem um papel formador do ser, proporcionando-lhe novas reflexões acerca do meio em que vive e interage.

## A escrita da história de instituições educativo-musicais

A elaboração de uma problemática relativa à história de uma instituição educativa cria a possibilidade de objetivar a construção de uma história de instituição de ensino musical com densidade acadêmica. Faz-se imprescindível destacar que a história de instituições educacionais vem tornando-se deveras presente no cenário da pesquisa em educação no Brasil, apesar dos obstáculos diante de fontes em precária organização.

Ao inventariar as principais linhas de renovação da historiografia da educação, Magalhães (1998) considera a história das instituições educativas um desafio interdisciplinar, ampliando o matiz investigativo historiográfico: nesse tipo de pesquisa, as análises sociológicas, organizacionais e curriculares compilam-se com o objetivo de uma reconstrução historiográfica de valor. O autor ainda coloca que, a partir dos *Annales*, passou-se a buscar uma reconstrução do cotidiano individual e institucional, contextualizando-se a instituição pesquisada no cenário político, social, cultural e educacional em que ela se desenvolveu. “Mas a história das instituições educativas tomadas na sua relação ao contexto e no seu percurso histórico é também uma meta-narrativa que (en)forma a hermenêutica das fontes de informação, ainda que indiciárias e fragmentárias” (Magalhães, 1998, p. 59).

A instituição educativa é, assim, apresentada com suas ações pedagógicas e organizacionais no complexo binômio *espaço/tempo*, em que se inter-relacionam elementos materiais e humanos. Um conjunto de categorias conceituais pode ser percebido e analisado dentro da estrutura escolar, tais como o tempo, o calendário escolar, o currículo, os espaços, os professores, os manuais escolares, a interação educativa.

O sentido histórico de uma instituição educativa pode ser desvelado, segundo reflexões de Magalhães (1998), com a inclusão das informações sobre dois pilares básicos: os alunos e sua configuração sociocultural e os professores com seus históricos pessoais e seus modelos pedagógicos. Todavia, o autor coloca que os *sujeitos* não são apenas os discentes e os *atores* não são apenas os docentes e gestores: há uma interação complementar entre as ações de cada um no processo histórico-educativo. Dessa maneira, a investigação “constrói-se entre a materialidade, a representação e a apropriação. As instituições educativas e por conseqüência a sua história constituem a representação discursiva, memorística e antropológica das mais complexas dialéticas educacionais” (idem, p. 64).

Assim, a escrita historiográfica dessas instituições tem privilegiado um roteiro de pesquisa com algumas preocupações delimitadas, como a criação e o desenvolvimento dessas instituições, a arquitetura do prédio escolar e sua organização espacial, os docentes, os discentes e o saber

veiculado nessas instituições de ensino. No caso de instituições educativo-musicais, o fio condutor é semelhante, dependendo sempre da abordagem da leitura social que o músico-pesquisador enseja privilegiar. Como sugestão de questões que podem guiar a investigação, cabe ressaltar algumas que parecem surgir como um fio condutor para a problemática essencial advinda dos questionamentos e inquietações que invadem o campo de pesquisa:

- Qual era o perfil socioeconômico e cultural predominante no corpo discente da instituição? Qual era a real intenção almejada pelos alunos em obterem a qualificação e certificação proporcionadas por ela: seguir uma carreira profissional, tornar-se um educador musical ou agregá-las a outros valores culturais e de prestígio? Qual a influência da instituição na vida profissional e artística de seus ex-alunos e ex-professores?
- Como essa instituição e suas práticas se inseriram no cenário local, regional, estadual e nacional? Quais as razões de seu sucesso? Quais fatores sustentaram a sua existência?
- Quando o caso: quais circunstâncias e fatores provocaram a sua decadência ou escassez de alunos; em que momento histórico isso se realiza de maneira crucial e decisiva?
- Como a cultura musical nacional, à época analisada, influenciou a busca pelo aprimoramento musical em instituições especializadas? Como a escola incentivou ou não o estudo da música? Essa matéria constava dos currículos e era efetivamente ministrada? Quais os impactos dessas configurações na instituição (seu estabelecimento, suas práticas, sua filosofia de ensino etc.)?

Ressalta-se que, quanto ao percurso metodológico, a escrita historiográfica de instituições educativo-musicais particulariza-se por sua multiplicidade de métodos de investigação, caracterizando, segundo a natureza dos dados coletados, como qualitativa. Em relação a seus objetivos, esse tipo de estudo classifica-se como exploratório, pois busca, além de oferecer novos elementos para análises futuras, investigar múltiplos aspectos, muitos dos quais pouco abordados no meio científico.

No que diz respeito aos procedimentos de coleta de dados, a investigação consiste em um estudo de caso, visando, a partir da análise de uma experiência individual, colaborar na compreensão da problemática abordada. Os dados também podem ser coletados a partir de uma pesquisa documental, que fornece, a partir de fontes primárias (periódicos locais, programas de concertos e outras) e secundárias (levantamento bibliográfico), informações que podem complementar aquelas obtidas por outros meios (entrevistas, por exemplo), colaborando na elaboração de novas perspectivas para o estudo.

## A pesquisa documental

Na realização das investigações acerca de instituições de ensino musical são desvendadas informações de natureza variada, presentes em fontes orais, documentais, arquitetônicas, hemerônicas, audiovisuais e iconográficas, entendidas como uma forma de preservação da memória educacional e, ainda, como produtoras de inovação nas interpretações interdisciplinares possíveis dentro da história da educação.

A memória aplicada ao passado histórico significa o reconhecimento/apropriação de todas as formas de vida (estruturas sociais e culturais, de mentalidades etc., além das tipologias do sujeito humano, seus saberes, suas linguagens seus sentimentos etc.) que povoam aquele passado; o reconhecimento das suas identidades, suas condutas, suas contradições, a reapropriação de seu estilo, de sua funcionalidade interna, de sua possibilidade de desenvolvimento. [...] além da paixão pelas diversas formas de vida (pelo pluralismo do humano, podemos dizer), a memória está sempre carregada de escatologia; carga que torna o presente projetado para o possível, para o enriquecimento de sentido e para a finalização (mesmo que seja constantemente atualizada), isto é, aberto sobre si mesmo, problemático e envolvido na sua transformação, na sua – sempre radical – construção/reconstrução [Cambi, 1999, p. 36].

Nesse sentido, algumas construções teóricas se fazem imprescindíveis na reconstrução de uma história de instituição educativa. As refle-

xões de Certeau (1982) são proeminentes ao compreender o lado pragmático do *fazer história*, com lugar e tempo articulados e desvendados pela escolha do pesquisador. O autor elabora reflexões sobre o trabalho e a manipulação de documentos, que podem ser assim sintetizadas: a pesquisa inicia-se com a coleta, reunião, classificação e ordenação do material pesquisado, de forma que o “produza”, por exemplo, por meio de transcrições e fotocópias, preparando-o para o início da análise. Assim, deve-se “isolar” o *corpo documental* e “desfigurá-lo”, de forma que se componha uma reconstituição histórica e se preencham as lacunas nesse processo. O pesquisador forma a sua “coleção”, interagindo com ela nas suas concepções, suas idéias e seus métodos ao longo da pesquisa realizada, dando-a características particulares e individualmente caracterizadoras (Certeau, 1982).

O questionamento sobre a escolha dos dados (fontes primárias e secundárias) é muito bem posto pelo autor e amplia a permissão que é dada ao historiador de realizar a sua *coleção* e, portanto, a partir dessa escolha, revelar a sua trajetória pessoal e seu envolvimento com seu objeto de pesquisa, algumas vezes bastante denso, outras nem tanto. Assim, a subjetividade é revelada e autorizada, desde que justificada.

Com relação aos registros fotográficos, Carneiro (1993, pp. 277-279) coloca:

Os registros fotográficos emergem como “incentivo”, alimentando a narrativa, aguçando a recuperação das lembranças, reconstituindo detalhes do cotidiano e completando os “não-ditos”. A explicação dada a cada uma das imagens deve ser considerada como uma extensão da narrativa. A entrega destas ao entrevistador, para que este possa reproduzi-las, ultrapassa o ato da confiabilidade: o oralista se completa como “guardião da memória”, depositário das lembranças de cada um. [...] Através da fotografia, torna-se possível fazer um inventário de informações acerca do passado de cada colaborador, pois ali encontram-se gravados dados multidisciplinares.

Dessa forma, a relevância da pesquisa documental acentua-se na investigação histórica, uma vez que os documentos se derivam e registram fatos das sociedades que o produziram, das épocas em que foram

criados, dos tempos em que permaneceram esquecidos, de quando foram (re)descobertos, de tudo o que ocorreu ao seu redor antes e, principalmente, depois de sua criação, já que não são só frutos e retratos do passado, mas também monumentos do futuro (Le Goff, 1996).

## A história oral e a memória coletiva

Outra face investigativa de grande destaque na escrita historiográfica de instituições aborda as indagações relativas à memória coletiva, à história oral e às suas acepções.

Os fundamentos teóricos da memória coletiva são pertinentes na compreensão da história das instituições e de seus desdobramentos. Esse entendimento faz-se importante na medida em que, na maioria dos trabalhos que utilizam as entrevistas como fonte de dados e investigam instituições educativas, são utilizados questionários semi-estruturados ou totalmente estruturados, com a perspectiva da leitura do social a partir da vivência de seus atores. Assim, o registro e a análise das memórias de indivíduos entrevistados objetivam reprovocar, comprovar e completar certas informações colhidas acerca da instituição analisada (Halbwachs, 1990).

À medida que o conhecimento da instituição por parte do pesquisador for maior, principalmente quando participou em dado momento histórico da entidade, ele deve utilizar como primeiro meio de investigação a sua própria memória, complementando-a com as pesquisas (entrevistas) realizadas (*idem*). Nesse caso, o pesquisador passa a buscar não somente a reconstrução da memória de uma instituição, mas o reconhecimento e a reelaboração de suas lembranças individuais.

Nesse âmbito, as considerações feitas por Halbwachs (1990) ratificam as lembranças dos entrevistados e definem como é realizado o processo da reconstrução das histórias de vida compartilhadas e datadas, registradas ou memorizadas. Entende-se que a construção da história de instituições musicais encontra vigas concretas nas semelhanças e, até mesmo, nas contradições dos depoimentos. O autor lembra que, quando o pesquisador utiliza a sua memória como complementação das entrevistas com outros sujeitos, a ocorrência de consideráveis pontos de contato (lembranças em comum) entre elas é essencial para uma reconstrução

ção historiográfica fiel. Desse modo, o pesquisador passa a analisar não somente a memória de indivíduos isolados, mas uma memória coletiva, que caracteriza, pelo menos genericamente, um grupo social, representado pelos entrevistados.

Uma outra importante consideração, quando de um levantamento historiográfico de instituições, deve ser feita no que se refere à lembrança individual e sua especificidade no limite das superposições coletivas. Halbwachs (1990) lembra que as memórias de um grupo, quando analisadas individualmente, muitas vezes não são as mesmas e que a memória individual deve ser analisada como um *ponto de vista* da memória coletiva, já que cada indivíduo, apesar de muitas vezes ocupar o mesmo papel social, pode não ter ocupado o mesmo papel histórico na entidade. Muitas vezes, cada sujeito tem uma lembrança distinta de uma mesma situação, e, quando analisada em grupo, essa lembrança pode revelar o papel histórico de cada indivíduo (*idem*).

A complexidade da reconstrução das lembranças do passado com o empréstimo de dados do presente reflete que em cada época existiu uma relação íntima dos hábitos, da significação do grupo e do aspecto dos lugares. A memória, na definição de Lowenthal (1998, p. 78), “impregna a vida”. O autor recorda que é comum dedicarmos grande parte do tempo presente para lembrarmos fatos do passado e que, somente quando estamos concentrados em uma atividade que consideramos de grande importância, conseguimos controlar a “emissão” de lembranças.

Mas as lembranças que permeiam o presente estão agrupadas numa hierarquia de hábito, recordação e memento. O hábito abrange todos resíduos mentais de atos e pensamentos passados, sejam ou não conscientemente lembrados. A recordação, mais limitada que a memória comum, mas ainda assim impregnante, envolve consciência de ocorrências passadas ou condições de existência. Mementos são recordações preciosas propositadamente recuperadas da grande massa de coisas recordadas. [...] À semelhança de acervo de antiguidades, nosso repertório de lembranças preciosas está em fluxo contínuo, novas lembranças sendo adicionadas constantemente, as velhas sendo descartadas, umas emergindo à superfície da consciência presente, outras submergindo sob a atenção consciente [*idem, ibidem*].

Uma relevante vinculação entre memória e identidade foi abordada por Lowenthal (1998) ao afirmar que relembrar o passado nos imprime um sentido individual de caracterização: “[...] saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos ‘selves’ anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado” (idem, p. 83).

Nesse sentido, o grupo social também mobiliza lembranças coletivas para sustentar identidades duradouras, e esse sentimento de pertença pode ser percebido por vários dos entrevistados. A partilha de lembranças confirma o sentimento de grupo e mais: “As lembranças inspiram confiança porque acreditamos que elas foram registradas na época; elas têm *status* de testemunha ocular. E as lembranças em geral são dignas de crédito ‘prima-facie’ porque são consistentes” (idem, p. 87).

Mas uma inquietação que se desponta é a maleabilidade de nossas recordações: as lembranças, a cada vez que são recordadas, alteram-se, ao contrário do que normalmente se define como imutável. Quando relembramos algo, o analisamos a partir de outras experiências que tivemos, muitas vezes sem relação com o fato recordado, como bem coloca Lowenthal (1998). O autor ainda coloca que a memória objetiva não preservar o passado, mas sim enriquecer e vivenciar o presente com as experiências adquiridas, fornecendo subsídios para a sua compreensão. Segundo sua concepção, lembranças não são reflexões advindas do passado, mas sim recordações que são analisadas por idéias que definem o indivíduo no presente: as recordações são arquivadas em forma de códigos, a serem decifrados posteriormente.

Nesse sentido, Halbwachs (1990) enuncia que nossas lembranças são, em grande parte, coletivas, já que, apesar de muitas vezes outras pessoas não terem participado do momento recordado, vivemos em uma sociedade e, além de quase nunca estarmos sozinhos, somos frutos de um grupo de indivíduos, de uma coletividade.

Outros motivos teóricos relacionados à historiografia oral são essenciais para embasamento metodológico no uso das entrevistas como fontes primárias. No entendimento de Thompson (1992), a complexidade da realidade é bem abordada pela história oral e permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista.

Ressalta-se ainda a reflexão feita por Lang (1993), no tocante às possibilidades de análise do documento oral e à construção de uma visão social por meio dos vários depoimentos individuais, que, somados, adquirem força e consistência. A autora coloca que o documento oral se constitui em uma fundamentação para a análise sociológica, dado que a história pessoal do indivíduo em si não consiste no objeto de estudo do pesquisador de uma instituição educativa, mas os relatos colhidos e analisados em conjunto representam um grupo social, com papéis, funções e trajetórias delineadas em dado momento histórico (Lang, 1993).

Outra elaboração pertinente à utilização de entrevistas é postulada por Becker (1996) ao considerar que a história oral não constitui uma categoria particular de fontes, mas está incluída em “arquivos provocados”, no dizer de Jacques Ozouf (apud Becker, 1996). Esses “arquivos provocados” podem ter a forma escrita ou oral, indiferentemente. A postura de que a forma oral conduz a uma espontaneidade maior que a escrita não se sustenta, uma vez que, geralmente, as pessoas interrogadas em uma pesquisa oral ao menos refletiram acerca do que iam dizer, exceto quando as entrevistas são realizadas de improviso. Desse modo, os “arquivos provocados” pertencem à mesma categoria das recordações, porém são responsáveis por reconstituir o passado de uma forma que pretende ser mais fidedigna, apesar de, bem como as memórias, ser alterado com o tempo e modificado em função de ideais posteriormente formados e atitudes posteriormente adotadas (Becker, 1996).

Assim, os documentos orais e escritos não devem ser entendidos como documentos sobre o passado, mas também, e especialmente, como documentos sobre o presente, já que as dificuldades em saber como os entrevistados se sentiram no passado são inevitáveis e seus sentimentos do presente sobre o passado são absolutamente possíveis.

## Sobre a realização das entrevistas

A entrevista constitui-se em um momento particular da pesquisa historiográfica em instituições educativas e educativo-musicais, sendo uma etapa de coleta de um grande volume de dados sobre a instituição pesquisada, suas inter-relações com a sociedade e sua configuração so-

ciocultural. Desse modo, exige uma preparação peculiar por parte do pesquisador, podendo compor-se de várias etapas básicas.

Nesse sentido, faz-se imprescindível a realização de uma investigação documental prévia acerca da instituição para revelar dados essenciais de sua história e suscitar questões relativas a seu modelo pedagógico. Esse levantamento pode ser realizado, por exemplo, por meio de trabalhos que já trataram da instituição (especificamente ou genericamente), quando existentes, ou pela pesquisa documental em acervos públicos ou privados. Os dados obtidos permitirão a construção de um roteiro de entrevistas que apure com maior detalhamento a história da entidade, compreendendo suas nuances e particularidades. A partir desses procedimentos, a seleção dos entrevistados, de modo que abranja o máximo possível do período da existência da instituição, contribuirá para uma construção mais fiel de sua história. O registro audiovisual dos entrevistados e, especialmente, de suas interpretações também pode constituir um rico material de pesquisa e documento histórico.

Cabe destacar que o roteiro de investigação acerca de uma instituição educativo-musical pode abordar questões relativas a múltiplas configurações: históricas, sociais, econômicas, educativas e culturais. Assim, como auxílio ao pesquisador dessas instituições, inclui-se a seguir alguns elementos que podem compor um roteiro de entrevistas (adaptado de Fucci Amato, 2004):

- *informações básicas*: dados da entrevista e do entrevistado, histórico escolar e musical (formal e extracurricular), dados sobre a estrutura e ocupação profissional dos familiares, ascendência materna e paterna;
- *informações socioculturais*: influências e práticas de apreciação e execução artística familiares e sociais, ídolos e artistas admirados, motivos pessoais/valores sociais e familiares que levaram à frequência da instituição, perspectivas profissionais e artísticas proporcionadas pela qualificação e certificação obtida na instituição/valor do diploma, valor socioeconômico do estudo de música, preferências musicais, vida social/musical da região, críticas ao modelo socioeconômico da época;

- *informações educativo-musicais*: importância dada à música na vida escolar (pública e privada) à época, repertório trabalhado e executado, importância dos compositores nacionais no repertório, modelo pedagógico adotado pela instituição (aspectos positivos e negativos), comparação entre o ensino musical hoje e à época pesquisada (nível nacional e global), críticas ao modelo educacional e musical da época;
- *informações históricas*: narrativa sobre o histórico da instituição, obras executadas, panorama musical e artístico da época, grandes músicos que teve a oportunidade de ouvir, apoio do poder público e privado à instituição, intercâmbio com outras instituições congêneres, histórias divertidas e casos tristes (lembranças que ficaram), relato a respeito dos professores, espaço aberto para comentários diversos.

## O envolvimento do pesquisador

Dependendo do objeto de investigação, o pesquisador pode ter um envolvimento denso ou pouco denso com a sua pesquisa. Pode, por exemplo, ter freqüentado a instituição pesquisada ou conhecer pessoas que a freqüentaram.

Nessa perspectiva, Halbwachs (1990, p. 47) comenta que, quando o pesquisador desempenhou algum papel no fato histórico,

Acontece com muita freqüência que nos atribuímos [as lembranças] a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, idéias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros.

Também comentando sobre o envolvimento do pesquisador na investigação, Febre, citado por Le Goff (1996), lembra que a história não é concretizada apenas com documentos escritos, mas também com o

pensamento de quem os investiga: é desse indivíduo o papel de “fazer”, relatar, “criar” a história, por meio de suas pesquisas e de suas idéias, reconstituindo a presença, as atividades, os gostos e os modos de indivíduos que participaram de um momento histórico.

Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entreatada que supre a ausência do documento escrito? [Febre apud Le Goff, 1996, p. 540].

Carr (1982) também comenta que, inevitavelmente, o ponto de vista do historiador faz parte de qualquer relato historiográfico, o qual é atingido pela relatividade: a visão historiográfica varia conforme as concepções de mundo, de vida e de história do pesquisador, não se constituindo em uma visão totalmente pura e original da realidade, porém em uma análise que pretende compreender e dominar seu objeto de pesquisa. O historiador filtra da experiência do passado, ou do tanto de experiência do passado que lhe é acessível, aquela parte que ele reconhece como sujeita à explicação e interpretação racionais e dela tira conclusões que podem servir como um guia de ação (Carr, 1982).

Dessa forma, Nora (1989) conclui que o historiador deve trabalhar o seu envolvimento com a pesquisa de forma que o transforme não em um obstáculo, mas sim em uma ferramenta de compreensão do seu objeto de estudo. Como colocam Lüdke e André (1986, p. 25), a validade científica da pesquisa depende do controle e da sistematização das análises, implicando a “existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e de uma preparação rigorosa do observador”.

## A análise sociológica na pesquisa historiográfica

A análise das redes de configuração socioculturais formadas pela instituição pesquisada constitui-se em um ponto de particular relevância na

pesquisa historiográfica. Dessa forma, objetiva-se apresentar alguns conceitos que podem ser úteis na análise dessa configuração: para compreender a trajetória dos entrevistados do trabalho, faz-se essencial analisar as entrevistas por meio de categorias sociológicas (Fucci Amato, 2005).

O entendimento do sucesso ou insucesso da instituição pesquisada pode ser visto pelo vértice da cultura estabelecida à época que se pretende analisar, conferindo ênfase ao grau de prestígio que era associado ao diploma e agregado a outros saberes distintivos de valores sociais e, especialmente, familiares. Elias (1999) aborda essa questão com propriedade ao elaborar que uma das funções relevantes da obra de arte se constitui em uma forma de a sociedade exibir-se enquanto grupo. O autor enfatiza que a cooperação dos integrantes de um grupo é efetivada por meio de tal união, em que sentimentos e ações são canalizados para a ação artística coletiva.

Até mesmo o uso do uniforme da instituição, quando for o caso, pode revelar o prestígio e o *status* conferido pela sociedade a esse acessório, representante de um grupo institucional de valor social. Esse grau de coesão é abordado por Elias e Scotson (2000) como “fonte de diferenciais de poder entre grupos inter-relacionados”, os estabelecidos e os *outsiders*. Na interpretação dos autores, um *establishment* é um grupo que se identifica e é reconhecido como uma “boa sociedade”, influente, melhor e construída sobre os pilares da tradição, da autoridade e da influência, presentes decisivamente nessa identidade social; em contrapartida, os *outsiders* são concebidos como os *não-membros* de tal sociedade, aglutinados em um agrupamento heterogêneo e difuso com relações interpessoais de menor intensidade que os *establishment*. Assim, a categorização dos grupos estabelecidos passa por um carisma grupal, do qual todos os que estão inseridos no grupo participam e se submetem às regras mais ou menos rígidas estabelecidas, bem destacadas por Elias e Scotson (2000), com o sacrifício da satisfação pessoal em prol do fortalecimento e coesão da coletividade.

A disciplina rigorosa e o estudo com afinco e dedicação também estão incluídos na participação do carisma grupal: por exemplo, diferentemente de alunos de música popular, os quais eram considerados amadores, uma vez que não necessitavam conhecimentos teórico-musi-

cais profundos, os alunos de uma instituição de ensino musical erudito podem ser considerados *establishment*, inseridos em uma configuração de carisma grupal.

O esclarecimento da rede de configurações estabelecidas por (ex)alunos e (ex)professores da instituição que se pretende estudar pertence a reflexões historicamente datadas, em virtude da flexibilidade das relações sociais e suas novas e possíveis configurações que se estabelecem no decorrer do tempo. Uma figuração *estabelecidos-outsiders* é mutável dependendo da dinâmica da sociedade, que pode provocar alternâncias na forma como os indivíduos estão inseridos nela, o que, nas palavras dos autores Elias e Scotson (2000), revela “uma complexa polifonia do movimento de ascensão e declínio dos grupos ao longo do tempo”. A partir dessas reflexões, pode-se categorizar a instituição analisada em um dos dois grupos apresentados, definindo seu papel e seu valor de representação social, ao menos em dado momento histórico.

Outras mediações lançam intensidade na história de instituições educativo-musicais, ainda na perspectiva sociológica, com as considerações de Bourdieu (1974, 1983, 1986, 1996, 1998), que concebe a sociedade de duas formas indivisíveis: por um lado, as instituições, revestidas, na forma física, de monumentos, livros, instrumentos etc., e, por outro lado, as disposições adquiridas, “as maneiras duráveis de ser e de fazer que se encarnam nos corpos – *habitus*”. Nessa perspectiva, o autor chama atenção para a dificuldade de estabelecer padrões de análise individual, pois esse corpo socializado é uma das existências da sociedade e não se opõe a ela (Bourdieu, 1983).

A principal exposição temática *bourdieuniana*, para o entendimento polifônico da trajetória do corpo discente e docente de uma instituição educativo-musical, faz referência à transmissão do capital cultural no seio familiar e às suas conseqüências na vida dos indivíduos. Bourdieu (1974, 1983, 1986, 1996, 1998) coloca que as condições de cultivo de hábitos e atitudes promovidas pela família acompanham o desempenho escolar, cultural e profissional de seus descendentes com acentuada relevância.

Assim, o processo de desigualdade que se estabelece ante a escola e a cultura é, muitas vezes, tratado como natural, e não como socialmen-

te criado. O entendimento de Bourdieu é que a família transmite a seus filhos um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizado – *ethos* – além de um certo capital cultural, que contribui para definir, entre outros aspectos, as atitudes diante do capital cultural e da instituição escolar. Para o autor, uma avaliação com maior refinamento das vantagens e desvantagens transmitidas pelo meio familiar, quer socialmente, quer culturalmente, é essencial para que a pesquisa realizada possa atingir os seus objetivos (Bourdieu, 1998).

Na intenção de ampliar essas análises sociológicas, destacam-se os percursos escolares, musicais e profissionais dos entrevistados, especificando outros dados a respeito de seus familiares. Ao elenco de todos esses dados, a carreira escolar por eles vivenciada pode definir suas configurações socioculturais. Quanto às suas configurações socioeconômicas, refletidas, por exemplo, por meio da investigação das opiniões sobre os custos do ensino oferecido pela instituição, as elaborações pertinentes de Bourdieu (1998) são que as crianças das classes médias devem à sua família não só os encorajamentos e exortações ao esforço escolar, mas também um desejo de ascensão social e cultural. O autor pondera ainda que o “gosto” ou a “vocação” dos indivíduos refletem a ação transfigurada das condições de vida objetivadas por cada um (*idem*).

Cabe destacar conclusivamente que, de fato, a análise sociológica constitui-se em uma grande aliada na busca por uma pesquisa histórica educacionalmente relevante acerca das instituições educativo-musicais, podendo revelar as nuances socialmente configuradas nesse processo.

## O modelo de ensino praticado pela instituição

A análise dos conceitos educacionais exercidos e difundidos pela estância educativo-musical pesquisada releva-se pelo fato de possibilitar a identificação de pontos de similaridade e divergência entre os modelos praticados pela instituição em dado momento e as práticas educativo-musicais difundidas em outros períodos históricos, criando-se assim meios para o aperfeiçoamento do ensino atualmente realizado.

No caso da análise do plano de ensino de um conservatório musical, uma pesquisa recentemente realizada (Fucci Amato, 2004) destaca os seguintes pontos relativos ao ensino pianístico praticado pela instituição.

O plano de ensino adotado estabeleceu uma divisão metodológica no ensino musical referente aos estudos técnicos, aos métodos e à execução de obras musicais. A liberdade do professor era respeitada mediante a escolha de números de estudos e peças, sempre privilegiando a execução de obra de um compositor nacional.

Apesar de procurar-se equilibrar o estudo do repertório nacional com o estudo do repertório europeu, o programa acabava por definir certo descaso com a produção musical contemporânea. A ausência dessa contemporaneidade na perspectiva musical pôde provocar um descolamento da real atividade do músico, o qual era formado sem uma definição de sua finalidade específica dentro do tipo de sociedade que se apresentou cotidianamente a esse indivíduo.

O programa refletia a adoção de uma pedagogia tecnicista, na qual professor e aluno ocupavam uma posição secundária, de executores de um programa cuja concepção, planejamento, coordenação e controle estavam a cargo de especialistas habilitados: ao professor competia a responsabilidade de transmitir os saberes e conhecimentos durante o processo de aprendizagem, enquanto ao aluno competia adquirir as habilidades necessárias para a execução instrumental. Com essa intenção, os programas davam primazia à prática instrumental e os conteúdos eram compartimentados em disciplinas organizadas de modo linear (Esperidião, 2003).

Cabe salientar que uma investigação sobre as práticas educativo-musicais difundidas atualmente pode constituir-se em um fundamento essencial para a sua comparação com as práticas difundidas pela instituição analisada ou por outras em diferentes contextos históricos. A inclusão de relatos sobre as metodologias de ensino adotadas pelos professores e sistematizadas pela instituição poderá também revelar a íntima relação do *saber/fazer* musical, fornecendo elementos para a compreensão das atividades desenvolvidas pela entidade (exames, recitais anuais, audições) e seus objetivos, tais como a busca pelo prestígio e reconhecimento da qualidade do ensino oferecido.

A leitura possível de uma instituição educativa especializada no ensino de música também revela o caráter interdisciplinar do processo de ensino-aprendizagem, que, na área artística, peculiariza-se pela concepção de que a emoção e a sensibilidade são buriladas a partir de uma estreita relação mestre-aluno, pois o desenvolvimento performático é fruto de admiração mútua e competências específicas.

Dessa forma, todo esse processo de análise do modelo de ensino permite desvelar as concepções educacionais e musicais praticadas pela instituição investigada, definindo diversas relações significativas e/ou contradições na matriz pedagógica adotada.

## Considerações finais

Baseadas no arcabouço de reconstrução de uma *memória educativo-musical*, as instituições de ensino de música podem representar categorias socioeducacionais que não se fazem presentes na educação oferecida por professores particulares. Nessas entidades, geralmente ocorre a concessão de diplomas reconhecidos por instâncias superiores da educação, vinculada, em muitos casos, a um valor de representação social. Uma nova ordenação do tempo e do espaço educativo também pode ser desvelada, muitas vezes por meio das graduações dos currículos, dos métodos de ensino adotados e da arquitetura dos espaços educativos. Outro fator de destaque na pesquisa constitui-se na compreensão das práticas culturais (principalmente musicais) exercidas externamente à instituição pesquisada (por exemplo, na educação básica pública ou privada).

Cabe aludir, no âmbito da reconstrução historiográfica relacionada à história oral, à possibilidade de sistematizar e reescrever as trajetórias de vida dos indivíduos entrevistados durante a investigação, imprimindo-lhes um sentido cultural e social historicamente datado. O estudo realizado poderá revelar, desse modo, de que forma os ensinamentos transmitidos pela instituição fazem-se ou não presentes na vida dos entrevistados até os dias atuais, destacando o número de egressos que permaneceram em atividades musicais e que são responsáveis pela transmissão dos saberes específicos atualmente. Essa continuidade na

reprodução de saberes musicais permitirá compreender e avaliar o grau de informação e de dedicação que esses sujeitos cultivaram ao terem a oportunidade de desenvolver suas habilidades musicais.

Os fundamentos teóricos referentes aos novos conceitos de escrita historiográfica têm um papel fundamental para a análise dos dados de uma forma mais contributiva para a apresentação de resultados conclusivos que faça alusão ao cotidiano escolar e suas interfaces e inter-relações. A partir da compreensão desses múltiplos aspectos que podem compor uma investigação historiográfica em instituições educativo-musicais, é possível analisar as particularidades e similaridades presentes entre as instituições, em níveis locais, regionais ou nacionais, contribuindo-se, dessa forma, para a enunciação de novos conceitos e práticas no cotidiano educativo. A reconstrução do passado desses objetos de estudo desvela-se como uma elogiável busca por uma visão interdisciplinar dos métodos, processos e configurações inerentes ao rito educativo-musical.

## Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Aurelio (Santo). *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril, 1973. (col. Os Pensadores, v. 6.)

BECKER, Jean-Jacques. *O handicap do a posteriori*. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. *L'illusion biographique*. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n. 62/63, p. 69-72, 1986.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. Escritos de educação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). *Pierre Bourdieu: escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 17-251.

CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Histórias de vida de judeus refugiados do nazi-fascismo. In: MEIHY, J. C. Sebe Bom. *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã VM, 1993.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?* 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_.; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESPERIDIÃO, Neide. *Conservatórios: currículos e programas sob novas diretrizes*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, São Paulo, 2003.

FUCCI AMATO, Rita de Cássia. *Memória musical de São Carlos: retratos de um conservatório*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

\_\_\_\_\_. Um estudo sobre a rede de configurações sócio-culturais do corpo docente e discente de um conservatório musical. *ICTUS*, Salvador, n. 6, p. 29-40, dez. 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice; Revista dos Tribunais, 1990.

LANG, Alice B. S. G. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, J. C. Sebe Bom. *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã VM, 1993.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. *A história nova*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto história: trabalhos da memória*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 17, p. 63-201, nov. 1998.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia Pereira; CATANI, Denice Bárbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, p. 51-69.

NORA, Pierre. Apresentação. In: CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989, p. 9-11.

SCHAFF, Adam. *História e verdade*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

## Bibliografia

ALMEIDA, Ana Maria F.; NOGUEIRA, Maria Alice (orgs.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AMADO, Janáína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à história*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CATANI, Afrânio Mendes. A sociologia de Pierre Bourdieu (Ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leituras). *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 78, p. 57-75, abr. 2002.

GATTI JÚNIOR, Décio. Reflexões teóricas sobre a história das instituições educacionais. *Revista Ícone*, Uberlândia, v. 6, n. 2, p. 131-147, jul./dez. 2000.

GATTI, Giseli Cristina do Vale; INÁCIO FILHO, Geraldo. História e representações sociais da escola estadual de Uberlândia (1929-1950). *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 18, n. especial, p. 69-104, 2004.

CHAUNU, Pierre; DUBY, Georges; LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Ensaio de ego-história*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1989.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Pesquisa em história da educação: situação atual. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 18, n. especial, p. 23-40, maio 2004.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 78, p. 37-55, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil*. São Paulo: Xamã VM, 1993.

NOGUEIRA, Maria Alice. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais. Notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 3, p. 89-119, 1991.

\_\_\_\_\_. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade e Cultura*, Porto, n. 7, p. 109-129, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs.) *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NOGUEIRA, Cláudio M. M.; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 78, p. 15-36, abr. 2002.

NORA, Pierre; LE GOFF, Jacques (orgs.) *História – novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

NÓVOA, António (org.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NUNES, Clarice. História da educação brasileira: novas abordagens de velhos objetos. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 151-182, 1992.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Maria Marta Chagas (1992). Historiografia da educação e fontes. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 15., 1992, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 1992, p. 1-33.

PETITAT, André. *Produção da escola, produção da sociedade*. Tradução de Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. *Educação & Sociedade*, Campinas, p. 77-87, abr. 2002.

Endereço para correspondência:

Rita de Cássia Fucci Amato

Av. Ibijaú, 45 – apto. 123

Moema – São Paulo-SP

CEP 04524-020

E-mail: [fucciamato@terra.com.br](mailto:fucciamato@terra.com.br)

Recebido em: 6 fev. 2006

Aprovado em: 30 mar. 2006